

QUINTA-FEIRA
Lisboa--18 de Outubro--1928

5 TO^{dos} 005

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



sempre **126**
five semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A GUERRA AOS REPETENTES DOS LICEUS



Um repetente crónico, ou um repetente por doença crónica, tem, segundo o critério da Minerva do Ensino Secundário, o mesmo peso de «Chumbo». De uma penada e com alteração de uma só letra, considera todos os repetentes repelentes.



Os ditos da semana



Lingua invertida

A lingua portugueza anda invertida. As palavras perderam o seu valor, a começar pela palavra de honra, que já não vale nada. Quando se quer dizer que sim, diz-se que não e vice-versa. Diz-se:

—Faz favor de se sentar.
—Pois, não.
Este *pois não*, quer dizer —*pois sim*.
—Já temos navegação para o Brazil.
—Isso, sim.
Este *isso sim*, quer dizer *isso não*.

Diz-se que caiu a noite, justamente quando a noite se levantou e começou o seu dia, que é como quem diz a sua noite.

Fala-se em que vae rebentar uma revolução, exactamente quando ela está mais solida e quando menos probabilidades ha de que rebente. Quem ás vezes rebenta são aqueles que as inventam e se metem nelas.

Quando se diz que um figurão qualquer abandonou o seu cargo, por *motivo de saúde* já se sabe que foi por *motivo de doença*. O unico logar que se abandona por motivo de saúde é o hospital de S. José quando se melhora e se tem a ta e, esse mesmo, é uma excepção.

O individuo que se *adeanta* é sempre um pandego que se *atraz* nas contas e no pagamento.

Ao casamento chama-se *enlace*, quando toda a gente sabe que o consorcio—excepção feita dos bancarios—é quasi sempre um *desenlace* fatal.

Chama-se *caras metades* ás nossas mulheres, mas só quem é casado é que sabe como elas são *inteiras* a ponto de não se contentarem com um sapato só.

Um individuo *mal-ferido* não é um individuo que *mal* ficou *ferido*. é um desgraçado pouco menos do que esquarterado, a pedir sovela e fio para o concerto.

As mulheres chamam *vestido* áquilo *son* que se *despem* para vir para a rua e chamam *filhos aos amantes* para darem a ilusão de que a pouca vergonha ainda é maior.

Daqui a pouco não nos entenderemos uns aos outros e temos de meter interprete nas nossas relações sociaes.

O que nos vale são certas palayras refractarias á corrupção, que conservam ainda todo o seu vigor e toda a sua frescura.

—E adeus, leitor, até amanhã. Já sabes que este até

âmanhá quer dizer até á semana.

Nem o *Fixe*, por ser fixe escapa á lei geral.

Ressuscitar

Um sabio inglez, daqueles que sabem coisas que a gente não pode verificar se estão certas ou não, anuncia que é possível ressuscitar os mortos. O grande sabio que, pelos modos se propõe fazer uma concorrência desleal ao Padre Eterno, corta a cabeça a um cão, dá-lhe um choque electrico e o cão volta a ser cão com a mesma facilidade com que noutros tempos se passava de regenerador a progressista, ou de progressista a regenerador.

Até agora ainda não fez a experiencia em creatura da especie humana, mas, porque obteve bons resultados com o

cão, logo conclue que como nós outros, que não uzamos coleira, apesar de uzarmos pescoco, o seu processo dará resultados eguaes.

Não sabemos até que ponto o sabio illustre levará as suas afirmações, mas desde já queremos deixar aqui lavrado o nosso protesto, pelo arrojado *stímile* e das conclusões.

O simples facto do cão ressuscitar não quer dizer que tambem o homem possa ressuscitar.

Tambem o cão ladra e nós não ladramos, salvo raras e honrosas excepções. Tambem o cão tem um profundo desprezo pelos candieiros, a ponto de os desfeitear a cada momento, e, todavia, nós andamos continuamente a plantalos por essas ruas e avenidas, com todo o carinho.

Mas, se efectivamente, o sabio tem razão, e arranja maneira de a gente não morrer,

é preciso mata-lo, antes que ensine a receita a algum colega.

A vida é má, mas ainda tem alguma coisa de bom: a certeza de que ha-de acabar um dia.

A vida seria insuportavel se não fosse a esperança de que, mais tarde ou mais cedo, nos libertaremos do mercieiro e do alfaiate.

Aos cães pode ele aplicar á vontade o seu processo electrico, se é que aquilo dos cães não é linguagem figurada, para significar que os cães, nesta vida de miserias, nunca morrem, mas a nós que uzamos chapéu de côco em vez de coleira, que nos deixe ir em paz ás malvas, já que não tem poder para nos transformar em cãesinho de luxo, a quem não falta nada, nem um doce regaço de mulher.

Figs, canhoto.

Eduardo Santos (Eduriza)



Um dos mais brilhantes jornalistas portuenses que os seus camaradas de Lisboa tiveram o prazer de receber na Casa da Imprensa.

Turismo Apareceu na imprensa um projecto de lei de Turismo, para ser discutido e para que apareçam alvitres, já que não aparecem turistas.

O *Sempre Fixe* não pode deixar de meter o seu bedelho na questão. O *Sempre Fixe* discorda inteiramente do consorcio: é pelo amor livre á viajata por esse paiz fóra.

Isto de turismo é como as touradas—é cada qual em sua casa, com a sua familia, a vêr bilhetes postais ilustrados da provincia e a exclamar a cada momento—que lindo.

Deem-nos estradas, deem-nos hotéis, deem-nos agua sem cultura nenhuma de microbios,—uma agua muito estúpida mas muito pura—deem-nos comboios que andem, pessoal que não nos masse, nem nos vexee e deixem-se de consorcios. O casamento não é para aqui chamado. Basta chegar á janela e fazer assim:

—Pst, pst, sobe.

E logo os estrangeiros começarão a atrepar por nós a cima, para gozarem as belezas do nosso ceu, que são as unicas que eles nos invejam.

Se não fór assim, não pensem em turismo. O inglez, o americano, o alemão são pessoas duma incredulidade incrível. Não se contentam com que lhe demos a palavra de honra de que tudo isto é muito bonito.

O que eles querem é sentir-se aqui como em sua casa.

No dia em que conseguirmos dar-lhe essa ilusão, temos no papo:

Peraltas e Secias

Presadissimo amigo complacente, Passo horas e horas contemplando a vastidão do mar azul, luzente; não sinto o tempo. — o tempo vai passando

quasi insensível, brando, que nem a gente que pela vida múltipla, fremente, que ha nas almas, nos seres e nas cousas, na bravura das ondas rumorosas, na fogueira de luz que o sol atea e enrubesce de côr a fina areia.

Estava eu, pois, sonhando doces horas chelas de vago e ingenuas de intimismo, quando junto de mim, num toldo ao lado, umas vozes pouquissimo sonoras veem quebrar o encanto immaculado do meu sonho perfeito; e, num tórpe e grosseiro prosaismo, rouquejam umas falas sem respeito por tudo quanto é belo e tem grandeza.

Olhei então e, proximo de mim, num grupo algo irrisorio e sem belesa, ouvi falar assim:
«—Cornelio, olha o menino. Já tem as fraldas sujas, vai buscá-lo»; e ele, o marido, docil e bovino, foi pegar no *creanço* e foi lavá-lo. Isto dissera uma senhora feia, negra como um tição, cujo rôsto, em contraste com a areia, me recordava um carapau negrão.

No mesmo grupo, uma senhora gorda, de dôca enorme como a duma arraia, e era adiposa e mole como assorda, sentada sobre a praia, dizia assim a quem lhe preguntara se não sentia a tentação do Mar e o desejo higienico do banho:
Que não, que não, que nunca experi-

mentara nem queria exp'rimentar sacrificio tamanho.
«—Banhos tomo-os em casa, num al-guidar, e só os tomo nos meses de verão, pois esses mesmos custam-me a tomar, fazem-me mal e causam-me impressão...»
— O quê! não gosta do salso elemento?— Logo ela diz com certo ar bisonho e tom espevitado:
«— Salsa nos alimentos raro ponho, a não ser quando faço refogado».

Teu,
Z.

Pela cópia,

Augusto Ricardo.



—O medico mandou-me caçar para engordar.
—E' curioso; a mim disse-me que fazia emagrecer...



O peão — Perdão. Posso servir-lhe alguma coisa?
A vítima — Não, muito obrigado. Desculpe não me levantar.

A grafonola do Café Chiado

O *Sempre Fixe*, o maior semanario humoristico do mundo, aprecia devidamente todas as manifestações do progresso.

Um seu redactor resolveu por isso ouvir sobre a grafonola *Columbia*, que se ouve no Café Chiado, alguns «provincianos» bastante conhecidos em Lisboa.

E preguntados se gostavam da grafonola, eis como eles responderam ao redactor do *Fixe*:

ANTONIO CABREIRA. — Sim. Geometricamente não o julgo obtuso e, elevado á nona potencia da grandesa dos sons, julgo-o infinitamente regular. Nos sons concretos agrada-me, o que já não sucede nos abstratos. No entanto, o aparelho, como função implicita, é de facil comprehensão, e, assim, agrada-me.

ALVES COELHO. — Você não calcula o que me traz aborrecido o tal engenho. Isto por três motivos:

1.º — O tornar conhecidas antes de mim as minhas obras primas e... afilhadas;

2.º — O suporem que as minhas composições, antes de conhecidas no meu país, são ouvidas lá fóra;

3.º — O poderem assim plagiar todas as composições antes de elas se tornarem populares em Portugal.

Que espiga, meu amigo. Que espiga!

LEONARDO COIMBRA. — Ouvi e gostei. Mas, filosoficamente, o aparelho encerra em si uma espiritualidade metafisica omnipotente que, elevando-se nos espaços, arrasta o cosmos no que ela tem de mais sentimental e adoravel. E assim, influindo nas almas abstratas da humanidade ancestral do nosso sentimento, são atraídas pelo éter espiritual das vidas biologicas.

O meu caro, por certo, comprehende? Pois é assim mesmo.

JULIO DANTAS. — Oh! meu querido amigo! Se nos velhos tempos do passado tal aparelho já existisse, por certo que no Vaticano, nos grandes salões das embaixadas, entre brocados, Saxes, Sèvres e Arras, ele serviria para entretenimento da fina da velha diplomacia. E as intrigas urdidas por punhos de renda nas confidencias amorosas dos velhos cardeais, teriam desaparecido por completo, transformando o Vaticano em Paraizo.

RUY COELHO. — Tem sentimento.

As massas orquestrais são de uma nitidez assombrosa, os naipes distinguem-se maravilhosamente, as notas são bem filtradas, as escalas cromaticas de uma sonoridade polifonica. No entanto, as musicas são mal escolhidas. Falta-lhes alma, falta-lhes o que nós, em linguagem tecnica, chamamos ritmo impressionado.

Oh! meu amigo! Que encanto espiritual você sentiria se em vez de nos darem vulgares trechos estrange'rados, eles se convencessem que por cá... ainda ha quem escreva musica com alma e talento!...

BRITO CAMACHO. — Constitucionalmente falando, não é mal ordenado o tal aparelho. Tem voz, é vibrante, sonoro, dando no todo um conjunto unionista. Julgo-o, porém, bastante dictatorial e fóra do Regimento, que seria mister observar numa casa onde as opiniões são tão heterogeneas.

E' limpo, aceado. Isso me basta.

ROMAO GONÇALVES. — Eu já tinha minha opinião *informada* de ha muito. O aparelho vale pelo que vale. Tem sons licorosos e nos pianinhos sacapa, mas eu cá julgo-o *infrior*, *especialmente* nos dôs. Senão veja lá se ele rebenta com os vidros das *jinelas* quando canta, ou se *margulha* é capaz de dar uma nota... quanto mais não seja utilizada.

E' o largas... debaixo d'auga... é o eu.

HOMEM CRISTO. — O aparelho não me parece mau. As notas saem em catadupas energicas, fortes, herculeas e, se assim não fóra, tornava-se uma porcaria. Você sabe bem que com porcarias não transijo, venham de onde vierem.

RAUL FERRAO. — Não ha duvida... Dentro das leis harmonicas de Gervart, mestre e amigo que desde o berço aprendi de ouvido, a grafonola é qualquer coisa de superior, de maioral. Muito em particular nos andantes, em que a orquestra viva, marca primorosamente o andamento: Um! Dois! Um! Dois!...

CREADO N.º 8. — Uma mina para nós e para a casa. Nós até, para o tornarmos mais harmonioso ainda, fazemos acompanhamentos *jazz-bandistas* com as chavenas, os pratos e caixa registradora. O publico gosta; nós gostamos; os patrões gostam... Uma mina, meu caro senhor...

O CARECA

Felisberto da Anunciação era um dos principais comerciantes de cortiça da grande região do Alemtejo, onde possuía vastas propriedades.

Vivia muito feliz, em companhia de sua esposa, uma simpatica alfacinha de 20 formosas primaveras, que com ele casara ha dois anos, apesar da diferença da idade entre ambos.

Mas... (ha sempre um *mas* a perturbar a felicidade de cada um) tinha um grande desgosto que o acompanharia durante toda a sua vida. Não tinha um unico cabelô na cabeça; a sua careca servia de espelho á rapaziada do sitio, que o atormentava constantemente.

Tinha empregado todas as drogas que lhe haviam receitado para o rejuvenescimento do cabelo, mas... nada. Nem um simples cabelo apparecia.

Mas um dia veio em que Felisberto se julgou o mais feliz dos homens. Passo a narrar como o caso se deu:

No dia em que o Felisberto festejava os sessenta anos (como veem, já estava espigadote) reuniu-se em sua casa toda a familia e os seus colegas corticeiros, que tambem haviam sido convidados. Até um seu sobrinho que residia em Lisboa, onde frequentava a Politecnica, foi forçado a ir á festa d'anos do tio, tal a insistencia com que convidava todos os parentes.

Comeu-se bem, bebeu-se melhor e, finalmente, dançou-se o mais que se poudo. Eram três horas da manhã quando deram por finda a brilhante festa e quando todos os convidados se retiraram, excepto o sobrinho do Felisberto que, como morava em Lisboa, ficou o resto da noite em casa do tio.

A's oito horas da manhã, o Felisberto levantou-se, lavou-se, fez todas as coisas que se costumam fazer quando nos levantamos e, ao ir ao *toilette* compôr o nó da gravata, deu um grito de alegria ao ver que dois cabellos tinham nascido na parte da frente da cabeça. Chamou immediatamente a esposa, o sobrinho e todos os criados, a quem contou a grande novidade com a mais viva satisfação.

— São os primeiros que nascem e breve nascerão mais — dizia ele radiante. — E vejam como são fortes...

Dai em deante, o feliz Felisberto mirava e remirava constantemente os dois recém-nascidos, esperando a todo o momento o apparecimento de mais alguns. Passaram-se dias e meses e... nada. Parecia extraordinario. Só nasceram aqueles dois...

E' que aqueles dois que lá estavam e que tanta alegria de-am ao tio do Felisberto, tinham sido posto pela esposa e pelo sobrinho enquanto ele dormia, na noite do seu aniversario.

Dosafer.



— Já tiraste a mascara?
— Não.
— Pois eu julgava.



— O chefe está furioso. Disse-me que me raspasse num salto.
— Pois olha, quando ele está assim, não ha remedio senão fazer-lhe a vontade.

FRUTA DO TEMPO



— Oh filha, julgará ele que sou melão?!



O bilhete amoroso

Pigmaleão Martins, recentemente chegado de S. Tomé com uma grande fortuna, sentia-se ainda muito viril nos seus fortes 50 anos de homenzarrão, não ligando importância alguma ás cans, porque também Julio Dantas, o seu escritor preferido, diz que se sente sempre moço, «na bela mocidade dos seus cabelos brancos».

Desde que enriqueceu, sente a necessidade de se casar, e como não tem conhecimentos senão labregos, tomou a decisão de seguir a primeira rapariga simpática e coleante que lhe apparecesse no caminho.

O acaso favoreceu-o numa tarde de domingo, quando no Rossio esperava um carro para a Graça. Uma rapariga insinuante e tóla tomou um carro Gomes Freire e Pigmaleão, esquecendo tudo, toma-o também.

No carro esboça-se um flirt escandaloso, e olhares languidos e chelos de promessas se trocam. Mas uma duvida o começa a picar, por não atinar com a melhor maneira de enectar relações. De repente, lembra-se de marcar uma entrevista e escreve num cartão de visita uma palavra a lapis, metendo-o depois na algibeira.

Quando o carro chega a S. Tomé, a rapariga passa ao pé dele, para descer, e Pigmaleão, tirando apressadamente o bilhete da algibeira, mette-o na mão, indo depois passear defronte da janela da sua Dulcinea.

Algum tempo depois, ela chegou a uma janela, mediu-o com um olhar chelo de desprezo e atirou-lhe com um pequeno embrulho de papel de jornal, que ele se apressou a apanhar, e fechou-lhe a janela na cara.

Não sabendo a razão de tamanha afronta, Pigmaleão desfez o embrulho e verificou que, lá dentro, estava uma nota de meio tostão.

Pigmaleão teve um pressentimento. Meteu a mão na algibeira e lá encontrou o bilhete que escrevera. Fôra a nota que Pigmaleão lhe dera em lugar do bilhete. Pahl...



Oiça, cavalheiro. Já que está ahí, veja se o carro ficou amolgado.



Ela — Então outra vez estilizado? Ete — Quem? Eu? Oh filha não manges...

O diabo é casado ou solteiro?

Sabato Anacora e Dominico Patro-nestre, Italianos e *fascistas* da gema, eram dois amigos íntimos e inseparáveis. Viviam no mesmo quarto, comiam na mesma pensão e a sua indispensável *polenta* e o seu indispensável *macaroni* e discutiam amistosamente as mais transcendentes questões.

— Diz-me cá, amigo Dominico, o senhor Diabo será solteiro ou casado? — perguntou Sabato ao companheiro.
— Casado — respondeu Dominico.
— Não crelo — contestou Sabato — e para crêr sou como S. Tomé: preciso vêr ou, pelo menos, uma prova que não admita duvidas.

— Ela ahí vai — disse Dominico — o meu patrão, quando se dirige em termos asperos aos operarios, costuma dizer: «Filho do diabo para aqui e filho do Diabo para ali». Portanto, se o Diabo tem filhos, segue-se que deve ter ou já teve mulher.

— «Filho do Diabo é uma figura de retorica que o teu patrão emprega e não prova que o senhor Diabo seja casado e tenha mulher. No entretanto, para sairmos das duvidas, devemos procurar saber a verdade, interrogando um sabio homem.

— E onde está esse sabio homem que nos possa informar á medida dos nossos desejos? — tornou Dominico.

— O procurador e advogado de Deus junto de nós, pobres pecadores: o sr. cura — disse Sabato.

Os dois amigos dirigiram-se a casa do sr. cura e, feita a pergunta, responderam este:

— Solteiro, meus filhos, o Diabo é solteiro, eu vo-lo afirmo e provo. Antes de ser Diabo, foi *frade* e pertenceu á nossa *ordem*, que não admite o casamento. Depois que tomou conta daquela grande repartição publica — o inferno — não consta que tenha contraído o santo sacramento do matrimonio.

Dominico não se conformou com a explicação do Santo Procurador e disse para Sabato,

— Ainda que o senhor cura mereça toda a minha consideração, não creio nas provas que apresentou e acho para mim que devemos consultar um morador da outra banda...

— Do Barreiro?
— Qual Barreiro, homem. Um espirito — um homem que já não é homem.

Foram-se os dois á cata de um *medium* e, depois dos cumprimentos do estilo, disse-lhes este senhor (que também era *fascista*):

— Vamos falar com Miguel Angelo. Foi um grande pintor e nas suas obras encontra-se muitas vezes a figura do Diabo. Ora se ele pintou o Diabo é porque o viu, se o viu falou com ele e deve conhecê-lo e se o conheceu deve saber a sua vida, a sua obra e os seus costumes.

— Tem razão, amigo *medium* — aprovaram os dois amigos — vamos falar com o sr. Miguel Angelo.

— Que quereis de mim? — trovejou Miguel Angelo.

— Saber da tua boca — grande artista — se o sr. Diabo é solteiro ou casado.

— Casado — volveu na mesma voz Miguel Angelo. E como verificasse a grande admiração dos dois amigos, ordenou-lhes: — Trazei-me aqui uma das minhas telas onde esteja a figura desse *nosso* amigo, o sr. Diabo.

Trouxeram-lhe a encomenda e, apontando para a fronte esbelta de S. S. o sr. Diabo, perguntou:

— Que vêdes vós, amigos meus, irradiando dessa fronte augusta, como dois diademas de subido valor artistico?

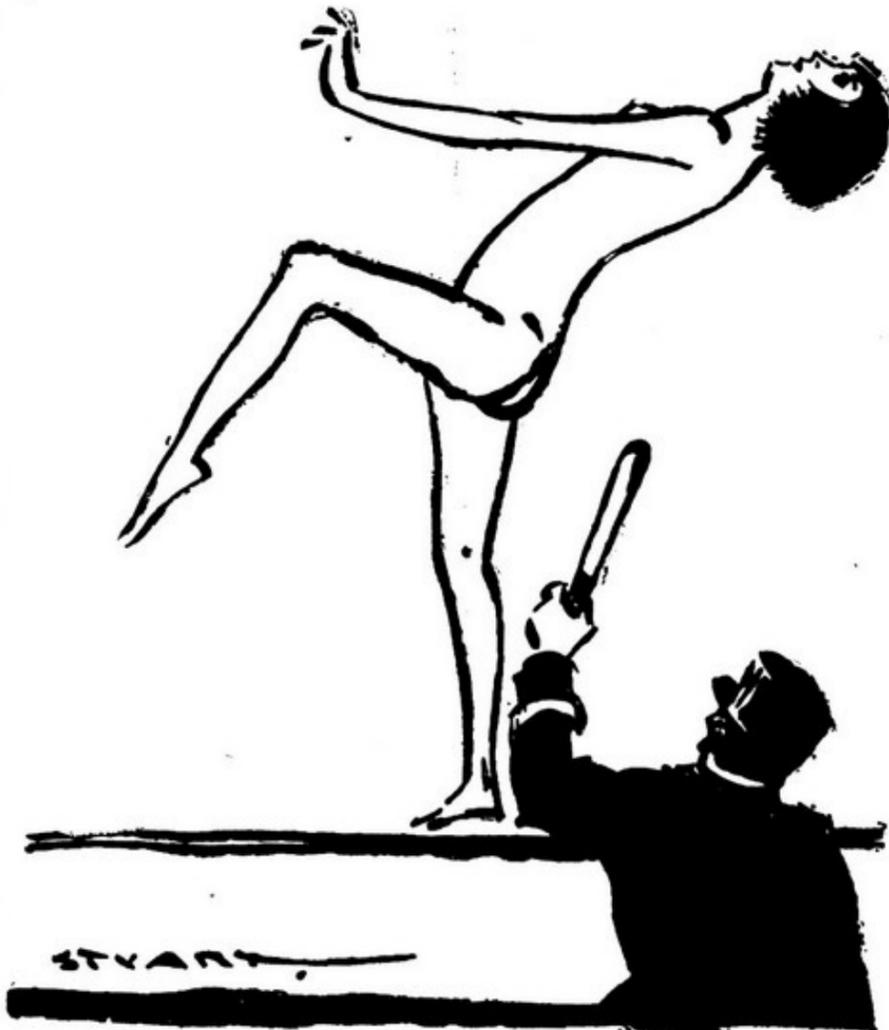
— Dois *retorcidos ornatos* — respondeu Sabato.

— Quereis maior e melhor prova da minha afirmação?

— Não! grande Miguel Angelo. Vai com Deus para o teu lugar e, se encontrares o sr. Diabo pelo caminho, diz-lhe que tenha *paciencia!*...

A. M.

BAILARINA NUA



— Está presa por andar descalça.
— Mas eu sou a bailarina nua.
— Lá que ande nua ninguém se importa. O que não póde é andar descalça.

Charadas em fraze

Está no braço e na vista e mata-se com pó de Keating. — 2-2.
Solução: *palisovêjo*.

No roto caiu a moeda do priado. — 1-2.
Solução: *Ido Franco*.

O plural do azedume e o cabedal dão um excelente camarada. — 2-2.
Solução: *Felis Correia*.

A mulher e o soldado simpatizam, tal qual o publico, com a actriz.
Solução: *Luisa Sentinela*.

O maestro, os pronomes, a arvoze e o doce fazem o homem. — 1-2-1.
Solução: *Fátos P'reira de Mel*.

No fim das costas da consoante do peixe vê-se a rua. — 2-2.
Solução: *Rua dos Retrosetros*.

Do pronome e duma grande foga vem a alegria. — 2-2.
Solução: *Estifação*.

Respira-se a marca onde há majujos. — 1-2.
Solução: *Arstnal*.

Pesa, ao que dizem os bois, um beijo, mudando uma letra que anda para traz. — 2-2.
Solução: *Cangarejo*.

A mulher está na montra do verso. — 3-3.
Solução: *Virginia Vitrine*.

O nome do homem de aspecto carancudo andou no actor. — 2-2.
Solução: *Jorze o Grave*.

As peçoas e os machos das tinas ha grossas e delgadas. — 2-2.
Solução: *Entrestícios*.

Um nome conhecido encontrei numa coisa que ha na cidade do artista teatral. — 4-2.
Solução: *Alfredo Ruas*.

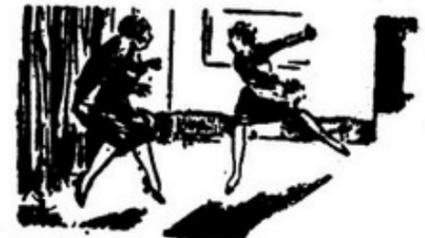
Na metade dum ruído fraco e numa certa coisa andam as bestas nas Laranjeiras. — 1-3.
Solução: *Zunlogico*.

O branco na preposição do apellido fazem um jornalista distinto. — 2-1-3.
Solução: *Alvo de Andrade*.

O dobro de dez junto ao final de muito engraçado andam ao redor. — 2-2.
Solução: *Bintotinha*.



— Um homem que não se faz compreender facilmente é um idiota. Compreendes-me?
— Não senhor.



A criada — Senhora, o senhor está-se mordendo.
A senhora — Meu Deus, um ataque de nervos.
A criada — Não senhora. E' que se sentou em cima da sua dentadura.

Comprida e estreita

Epitacio Pascacio era o autentico cavaqueador de café. A's primeiras horas da manhã, dava ingresso no Templo de Moka e ali se conservava ingerindo copinhos de bagaceira até á hora do almoço, retomando logo após a refeição até ao jantar e, depois deste, só retirava quando os priados começavam a varrer a casa.

Não se sabia do que vivia Pascacio. Dizia-se que era viajado. Dizia-se, porque fôra ele quem o dissera e até mostrara bilhetes postais illustrados do Egipto, do Brasil, de Veneza, de Cacilhas, do deserto do Sahará, ou não saará, e das ilhas Sandwiche de queijo!

Havia mesmo quem afirmasse que Epitacio Pascacio corria as cinco partes do Mundo, do Noticias e do Diario de Lisboa, demorando-se neste ultimo em estatica contemplação perante os vales Manzoni.

Todavia, entre a roda dos seus amigos, um havia que andava muito desconfiado quanto á veracidade das historias que Pascacio impingia ácerca das suas viagens e, como tivesse confiança com ele, um dia, estando só, desfechou-lhe á queima-roupa:

— O Epitacio. Vê lá se és mais comedido nas historias que impinges á rapaziada cá do café.

— Comedido? — interrogou Pascacio.

— Sim — retorquiu o outro. — A's vezes contas coisas que se está mesmo a vêr que são escovadas.

— Ora essa! — proferiu Epitacio.

— Já te disse. E olha que os rapazes já se entretolham quando tu metes algumas buchas...

— Pode ser que seja distraídamente, mas não faz mal. De futuro, se achares que eu me excedo, puchame disfarçadamente o casaco, que eu emendo logo a muo.

Dai á momentos, chegavam os frequentadores assíduos e abancavam á mesa de Epitacio. Este, como de costume, reeditou as suas interminaveis historias. E começou assim:

— Uma vez, na Argentina, fui visitar um ganadero meu amigo. Chama-se ele D. Paco Malagueta. Que coisa admiravel! Que propriedade! Só cabeças de gado vacum tinha 368.000, não contando com os cavalos, para cima de 200.000! E a propriedade! Calculem que eu, para a percorrer toda, levei 15 dias de automovel.

— Era muito extensa em quilometros? — disse um.

— Muito. Só de comprimento tinha três milhões quinhentas e dez leguas...

Nesta altura, o amigo puchou-lhe o casaco e Epitacio emendou logo:

— ... Por seienta e cinco centímetros de largura!

M. A. Case Velho.



— O rapaz que lhe vou apresentar, acha que você tocou admiravelmente bem piano...

— Deveras?

— Essa é a opinião delé embora digam que não entende nada de musica.

Para casar rico

Começa-se por descobrir uma noiva rica, naturalmente. Depois estuda-se-lhe a vida até precisar o seu passeio favorito. Supondo que a desejada proprietaria do desejado metal costuma passear pelas tardes no Campo Grande, tratará o pretendente de preparar no seu caminho uma cova providencial onde a rica prenda caia, para ser providencialmente salva pelo autor da marosca.

O desenrolar da fita será afortunadamente o que consta deste dialogo spectmen:

Ela (caindo): — Socorro! Socorro!
Ele (solicito): — Calma! Calma! Afortunadamente estou aqui para a salvar!

Ela: — Bem haja! Vou-lhe dever a vida!

Ele (aparte e salvando-a): — Depois pagarás!

Ela (saíndo da cova): — Obrigada! Obrigada! Supuz morrer!

Ele: — E assim aconteceria se eu aqui não estivesse. (Convem repetir isto para que ela não esqueça).

Ela: — Foi Deus que o poz no meu caminho.

Ele: — Efectivamente assim parece. E creia que me felicito.

Ela: — Oh! E porquê?

Ele: — Porque tive a dita de a salvar... e conhecer...

Ela: — Não aumente a minha commoção e agradecimento.

Ele: — Quem lhe agradece sou eu, porque até agora de nada me servia a vida.

Ela: — E agora?

Ele: — Agora...

Ela: — Sim, agora? (Esta parte do dialogo pode prolongar-se com lucro para ambos e para mim, que encho espaço).

Ele (resolvido): — Agora sei que a vida não pode servir para amar...

Ela (comovida pela queda, pela salvação e pela declaração): — Oh!

Após esta exclamação, acontece o que logicamente devia acontecer. Ele continua no mesmo diapasão, acompanhando-a ao carro electrico e tem o gesto generoso de lhe pagar o bilhete. Ela, apesar de rica, não é indifferente ao gesto. Na paragem repete-se as atenções por parte dele, dando-lhe a mão para descer e deixando-a á porta de casa com requintada gentileza.

Ela, agradecida, vem á janela e olha-o comovida.

E tão pateticas amabilidades repetem-se em dias sucessivos. Até que, um dia, surge delicadamente a suggestão do desejado matrimonio. E, depois das indispensaveis cerimoniaes religiosas e civis, atinge ele o almejado fim: a posse da fortuna da rica herdeira.

Para enluvar riquissimo

A primeira parte destes morais ensinamentos seria incompleta sem a continuação que adiante se verá. Sim, porque não basta casar rico, — é indispensavel enluvar riquissima. E escrevemos enluvar porque o divorcio é difficil, tarda a resolver-se e tem, por vezes, funestos inconvenientes economico-judiciarios.

Exemplifiquemos a nossa mimosa ideia:

Ela (só): — Meu esposo demora-se. Apostaria que me anda comprando presentes! Todos os dias me faz presentes. E' um anjo! A sua unica imposição é de acreditar eu nele, cegamente, doidamente! E eu acredito, céguinha de todo, como uma doida! E hoje mesmo fiz testamento a seu favor, conforme me pediu.

Ele (entra, arrastando, preso a uma corrente, um leão adormecido com poderosos narcoticos): — Boas tardes, querida esposa. Aqui te trago um presentinho. E' um lindo e corpulento gato.

Ela: — Um gato e corpulentissimo. Nem parece um gato! Se não acre-

ditasse plamente no que tu dizes!...

Ele: — Não te perdoaria que assim não fôsse. Já sabes que exijo absoluta fé no que eu digo. Se eu afirmo ser preto, é preto, ainda que seja branco!

Ela: — Pois é.

Ele: — Pois é, e este gato é gato e acabou-se. Deves brincar com ele assim que lhe passe o sono que o tem adormecido. O que mais o diverte é que lhe puxem pelas unhas e lhe façam cécegas no céu da boca. E' o que tu vais fazer assim que ele acordar. Não te esqueças! (Repara que o leão começa abrindo um olho, depois outro, e outro ainda. Marcando uma transição, diz:) Vou ali já venho! Até já, meu amor. E não te esqueças: brinca, brinca com o gatinho.

Ele sae. Decorrido algum tempo, volta vestido de luto. Ela, a pobre crédula, tinha realmente brincado. Dois dias depois, já ele pode receber a herança. E cinco dias passados poderá comprar um automovel. E, oito dias depois, uma francesa...

Gutierrez

Previdencia... forçada



— Outro desastre de automovel. Bem faço eu que só ando a pé.

O "Sempre Fixe" daqui a 200 anos

MARINHA DE GUERRA.—O sr. Secretario d'Estado da Marinha recebeu ontem a comissão de officiaes que foi a Italia assistir á construção dos nossos vasos de guerra com que vai ser dotada a marinha portugueza, que ficará composta de 325 dreadnoughts, 423 cruzadores ligeiros, 1.200 submarinos e 432 destroyers. As maquinas colocadas nesses navios são da celebre maquina Remington Typewriter.

Ao que parece, os pegões da ponte sobre o Tejo tem de ser cortados e o rio alargado. De contrario, os navios terão de ficar uns sobre os outros — o que não parece muito comodo nem elegante.

O NOVO ASCENSOR.—O sr. ministro do Comercio encarregou uma comissão de apreciar o projecto do elevador que ligará a parte baixa da cidade com o Castelo de S. Jorge.

Parece assente que o novo ascensor estará construido daqui a 300 anos, por isso que o titular da pasta do Comercio se empenha imenso pela sua breve construção.

TEATROS.—Em virtude da desorganizada organização do nosso teatro, a Sociedade dos Escriitores Teatraes, não cabendo nos Restauradores, resolveu, provisoriamente, mudar-se para o Telhal, tendo mandado construir para seu uso proprio uma rua ao pé da dita das Pretas.

O PE DECALÇO.—O sr. governador civil, a exemplo do que em tempos foi ordenado para os pés, que passaram a andar de luvas, ordenou que os garotos de jornais usassem tambem luvas nas mãos.

OS QUADROS DA «BRASILEIRA». —Affirma-se nos melos intellectuaes que vai surgir uma nova questão de paineis, identica áquela que ha anos se travou por causa dos paineis de S. Vicente, em que tomou parte activa o sr. José de Figueiredo.

Trata-se de descobrir quem são as figuras que um pintor — ao que parece chamado Almada Barreiros, por não se saber se nasceu na primeira ou segunda cidade — colocou num painel que se encontra na «Brasileira» do Chiado, que era então o café favorito dos que não sabiam escrever nos jornais.

Já ha quem chame a esta questão «A Nova Paineleida».

VINHO BURJACAS.—Em virtude da etilização constante da gente portugueza, parece que vai ser decretada a obrigação de se beber só vinho «Burjacas», que é dos poucos vinhos feitos com uva.

O Sempre Fixe dá o seu inteiro aplauso a esta medida... Burjacas.



— Quem é essa deliciosa rapariga?
— Minha mulher. Mas o quadro está de cabeça para baixo.

TAC-TAC-TAC

A peste verde

Em casa das Pires de Santo Amaro rara era a noite em que se não reunissem quatro ou cinco janotas do sitio pretendentes ás três manas, — Zizinha, Nenésinha e Chiquinha, sob os olhares fiscalizadores mas benevolentes de D. Augusta Leonarda, a mamã.

Jogava-se o loto e, no fim de muita gritaria e risinhos, vinha o chá com torradas, e era então que se conversava dizendo mal das vizinhas e apreciando os acontecimentos referidos, em cada manhã, pelo *Diário de Notícias*.

Era tudo revestido discretamente por um véu de respeito que tornava essas reuniões, calmas e monotonas, muito apreciadas pela gente séria do bairro.

Era assim, não ha duvida, antes que o José Alves e seus fiéis companheiros, o Alvarinho Mendes e Tomé Sá, lograssem ser apresentados em casa das Pires; porque, desde então, tudo mudou de figura.

A medida que os antigos e pacatos pretendentes (e, como tal, visitantes) se iam friamente recebidos, até que, gelados, desapareciam de todo — as três manas tomavam um ar desentolto que muito fazia sobressair seus encantos naturais, e os novos frequentadores viam-se acolhidos com entusiásticas expressões de regosijo, apenas tocavam a campainha daquele agora tão modificado terceiro andar.

Já de todo senhores da praça, os três companheiros passavam a ser os únicos elementos masculinos das reuniões da D. Augusta Leonarda, a qual já gostava muito dos rapazes.

Assim, naquela noite de Março, quando os três apareceram, foi um côro de estridulas aclamações. As raparigas quasi que os abraçaram de contentes e D. Augusta, muito risinha, levantando de sobre o ventre saliente as mãos ao ar, dissera ao vê-los:

— Ora vivam as alegrias desta casa! Vá de abanear, pois, no meio daquele ambiente terno e ruidoso e o José Alves, muito falante, entregando um pequeno embrulhinho á Zizinha:

— Aqui tem um saquinho de amendoas para si e para as manas. Como estamos perto das Endoenças...

Foi uma aclamação geral. Que linda ideia!

A D. Augusta Leonarda disse: — Não as como porque não tenho dentes; mas acho um presente muito galante.

As meninas comeram, gulosas; e

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Concurso para a admissão de professores destinados á escola primaria da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses no Entroncamento

Carecendo esta Companhia de aumentar o pessoal docente na Escola que possui no Entroncamento, faz-se publico que está aberto concurso documental até o dia 30 do corrente, para admissão de mais um professor e uma professora, destinados a ministrar instrução primaria na referida Escola.

Qualquer candidato, para ser admitido ao concurso, terá de provar por documentos autenticos ou autenticados, que satisfaz os seguintes requisitos:

1.º Ser português; 2.º Não ter idade inferior a 25 anos nem superior a 35; 3.º Estar de posse de todos os seus direitos civis; 4.º Ter bom comportamento moral e civil; 5.º Não sofrer de doença contagiosa; 6.º Possuir habilitações exigidas para o exercicio do magisterio primario official e pratica qualificada desse exercicio.

O contrato sera por dois anos, podendo ser successivamente renovado por igual periodo, se convier as duas partes.

Os candidatos que forem escolhidos terão vencimentos iguais aos que percebem os professores das escolas primarias elementares officiaes bem como habitação conveniente fornecida por esta Companhia no proprio edificio da Escola. Além disso, ser-lhes-ha facultada a inscrição na Caixa de Pensões de Reforma da Companhia, a partir da data da primeira renovação do contrato, nas condições estabelecidas pelo Regulamento de 1 de Janeiro de 1927.

Os candidatos deverão apresentar todos os seus documentos devidamente autenticados na Secretaria desta Direcção Geral, na estação de Santa Apollonia, em Lisboa, até ás 17 horas do ultimo dia do prazo.

Lisboa, 1 de Outubro de 1928. — O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

eles, muito discretos, quando alguma lhes oferecia o sacco:

— Muito obrigados, minha menina, mas trouxemo-las para vossencias.

Depois dum pequeno loto, tradição que eles tinham conservado pelo encanto dos contactos misteriosos subjacentes á tampa da mesa, conversou-se amenamente, como de costume.

— Que ha de novo por essa Lisboa? — perguntou D. Augusta, muito interessada.

Os três entreolharam-se rapidamente e, logo, o José Alves, acercando-se da mamã, disse:

— Senhora D. Augusta Leonarda, peço-lhe e ás suas meninas que não se assustem...

E, perante a anciedade de todos, contou:

— Ha a peste...

— Credo! — disseram todas.

E a D. Augusta benzeu-se.

— Ha a peste — continuou o José Alves — a peste verde.

— Abrenuncio! sr. Alves — exclamou a mãe Pires. — E como é que isso aparece?

— Muito simples e facil de conhecer. A pessoa atacada passa dias e dias sem dar por isso, muito satisfeita, muito alegre, muito bem dis-

posta. A pagina tantas, começa a aparecer nas dejecções (se me dá licença) um tom esverdeado. Depois, é sobretudo... Mas tenho pejo de explicar deante das meninas.

— Diga, diga! — disseram as raparigas muito interessadas.

— Se não é obsceno, pode dizer, sr. Alves.

— Obsceno não é, minha senhora. Eu queria dizer que, depois, é sobretudo nas urinas que se conhece.

— Mas como?

— Quando se faz essa necessidade, deve-se olhar sempre para o que se faz, a vêr se está verde.

— E se estiver? — perguntou com voz tremante a D. Augusta.

— A peste existe; mas para escapar deve-se logo recorrer ao medico.

A conversa caiu bruscamente. Vir ar soturno de tragedia pairava na sala.

Toda a alegria desaparecera.

Os amigos entreolharam-se novamente e, com um ligeiro aceno de cabeça, levantaram-se ao mesmo tempo.

— Devemos recolher cedo hoje — disse o Alves, que era o porta-voz do grupo.

As Pires, taciturnas agora, não insistiram em que ficassem para o chá.

Deixaram que partissem léstos. E eles saíram.

Seriam umas onze horas da noite quando a Zizinha, do seu quarto, chamou no corredor a D. Augusta.

— Mamã, ande cá depressa; venha depressa.

D. Augusta, já em camisa, saiu apressada e entrou no quarto da filha. A Zizinha chorava e tinha uma bacia de quarto na mão. A mãe compreendeu tudo de chofre. Olhou o fundo do vaso: — o conteúdo era verde!

— Valha-me Nossa Senhora! clamou ela. — Estás com a peste...

— Mamã! — gritou aflitivamente, do outro lado do corredor, a Nenésinha. — Mamã, venha que eu tenho a peste!...

Era demais. D. Augusta, alucinada, lançou-se á janela, gritando pelo guarda-nocturno.

— Vá buscar um medico! Já! Já! Já!

E as três (porque a Chiquinha tambem fizera verde), abraçadas á mãe, choravam copiosamente.

Veio enfim o medico.

— Que ha, minhas senhoras? Que é que as afflige?...

— Sr. doutor — disse D. Augusta — as minhas filhas estão com a peste!

— Que peste, minha senhora?

— Essa que anda p'r'ali.

O medico pareceu desconfiar das faculdades mentais da D. Augusta.

Ela então contou com todos os pormenores como soubera da existencia em Lisboa da peste verde e mostrou o corpo do delicto existente nos vasos.

— Mas Vossa Excelencia esquece-se que já não estamos no carnaval — comentou acicamente o doutor — e não se manda assim incomodar um medico para parodias destas...

A D. Augusta, perfeitamente fora de si, tornou a contar a historia da visita do Alves e da sua troupe.

— E ainda tem algumas emendoadas? — perguntou o medico, já mais calmo.

— Eu vou buscá-las — disse a Zizinha. E, á volta, entregou ao Esculapio três ou quatro.

O medico partiu uma delas... e de-satou a rir.

— Olhem, minhas senhoras, isto foi uma grande partida dos meus amigos. Introduziram «Azul de Mytilene» nas amendoas, que é o que faz... esse resultado verde. Mas a mim devem-me as senhoras dez mil réis e mais três cordas do corao.

Cirano de Velhofrac.

As capas do "Sempre Fixe"

Encontram-se á venda, na nossa administração, as capas do "Sempre Fixe" primorosamente illustradas por Francisco Valença.

Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 40\$00.

Podom, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correio.

SEMPRE FIXE vende-se na Povoza de Varzim, na Livraria Academica Editora.

ALEGROS

Com o consenso geral de tudo quanto é forrêta e segue linha moral, tambem cá, em Portugal, vai acabar a gorgêta.

Começa a ser atacado por clero, povo e nobresa esse imposto malfadado que foi á mesa creado pelo creado de mesa.

E que sendo destinado aos de humilde condição, foi depois tão divulgado que muito homem cotado tambem lhe estendia a mão.

Porém, como todo o mal cedo ou tarde tem seu fim, a gorgêta nacional vai, como coisa ruim, ter um lindo funeral.

Mas vejo contradicção nessa lei ou quer que é que assim, do pé para a mão, trata o pé com distincção, trata a mão a pontapé.

Como o Outono é chegado, o frio, o vento e as chuvas vão pôr tudo enregelado: tem o pé de andar descalço mas ás mãos... tiram-lhe as luvas.

João Triste.

NA TIPOGRAFIA



—Esta bota tambem será para compôr?



O que se diz e o que se não deve dizer

Gene Tunney e a Nobre Arte

Nos desafios de domingo, para os pobres da Natação e do Atletismo — o Casa Pia teve um bom sucesso por cinco a um.

E o Sporting continuou a demonstrar que o chocolate não é alimento para o seu estomago — actualmente debilitado.

Gene Tunney, campeão do Mundo em pugilismo, acaba de casar e não fará mais *box*. Anuncia a sua intenção de se consagrar exclusivamente aos trabalhos do espirito. Estudará e procurará escrever um bom livro. Isto li eu num jornal, sob o titulo:

TUNNEY RENUNCIA A NOBRE ARTE

Supuz, primeiro, que o redactor se tivesse enganado. A's vezes, um demónio malicioso rouba á pena a palavra que ela queria traçar e substitue-a exactamente pelo contrario. Indubitavelmente, o jornalista tinha a intenção de escrever: — *Tunney dedica-se á nobre arte*.

Mas não! A leitura do artigo não pode deixar duvidas. Esta nobre arte, aqui em questão, é o *box*.

Estranha coisa!
Antigamente, havia as belas artes: eram a pintura, a musica, a escultura... e, até, a arquitectura. As letras também.

Agora ha uma nobre arte. E mais: ha *A Nobre Arte*.

Mas não é a pintura, a musica ou a poesia. E' o *box*.

Os nossos antepassados diziam: Jogos de mão, jogos de vilão. Eram pobres espiritos que nada entendiam de nobreza nem de artes. Felizmente que nós rectificámos todas essas falsas ideias.

Sabemos hoje que Beethoven não cuidou em toda a vida da nobre arte; que Racine não entendia dela coisa alguma; que todos os pintores, todos os escultores eram uma especie de artistas secundarios, gentes de belas artes mas não de nobre arte.

E este Tunney, que tinha a sorte de ser um nobre artista, o mais nobre mesmo do mundo inteiro, é tão doido que prefere escrever livros.

E' doido varrido. E lamentamos que a linda esposa tenha ligado a sua vida á dum homem tão baixamente materialista.

O Salon Automobile de Paris tem

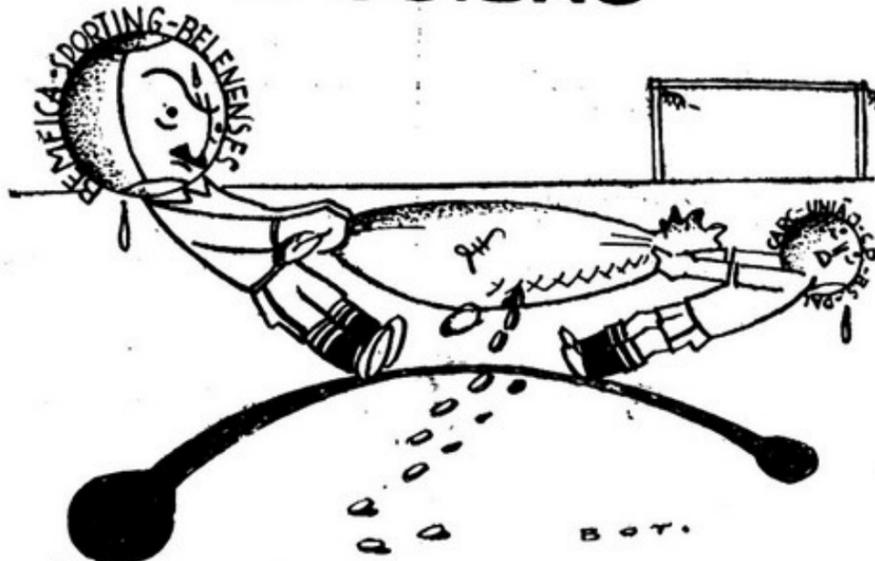
demonstrado que aumenta o numero de mulheres amadoras do desporto automobilista. Invadem os *tands* e não cessam de interrogar vendedores e tecnicos.

Infelizmente, os seus conhecimentos mecanicos não aumentam proporcionalmente.

O vendedor pergunta:
— Vossa Excelencia tem já alguma ideia sobre o carro que prefere?
— Tenho sim! Quero uma *carroursérie lilaz*, com uma *mascotte verde esmeralda*!

O *boxeur* português Tavares Crespo fez mais um combate no Brasil.

A SCISAO



Começaram os desafios entre «grandes» e «pequenos» para disputa da taça «QUESTAO DE PATACOS».

com um homem que usa o nome de *Pantera Negra*!!

Isto é curioso. Mas mais curiosos são os relatos dos jornais brasileiros. Damos aqui um excerto e que Rafael Barradas comentou com graça:

«1.º ROUND. — Pantera é calmo e fixa o seu oponente. Crespo ensaia o estudo do jogo de Pantera. Experimenta. Ameaça e recua. Tenta pela direita. Pantera está vigilante, persegue mas não avança. (*Esta é piramidal! Nunca ninguém viu «perseguir» sem «avançar».* Só o inteligente critico carioca!)

Pantera aproveita-se da altura e emprega colar na carotida, etc. (*O que será um «colar»?*). Pitagoras adverte. (*Adverte quem?*) Apito. Empate. (*Apito?*)

2.º ROUND. — Crespo visa o nervo oftalmico de Willis. (*Deus! Que erudição! O que entende o leitor por nervo oftalmico de Willis? Possivelmente, o mesmo que nós!*) Carga renal... (*????*) Pantera é «torcido» pelo segundo sem advertencia, etc. (*Torcido? Talvez retorcido.*)

Suscitou-se uma questão entre os clubs de *foot-ball* da Divisão de Honra, sobre a formula de disputa do campeonato de Lisboa.

A contenda foi enviada para a direcção. Mas esta adoptou o prudente silencio de Conrado. Sobre o caso não tem opinião. E, se os contendores se não computarem, convocará a assembleia geral.

Comentario do presidente dum dos clubs:

— Mas então... se sempre que ha fogo se tem de chamar os bombeiros das povoações proximas... qual é a utilidade do corpo municipal?



— Sabes? a minha nova revista vae dar grande escandalo.

— Então porque?

— Ora, porque as artistas entram em scena vestidas.



— Então já de volta das praias?

— E' verdade, os banhos faziam-me muito mal.

— A mim também, a primeira vez que me lavei... apanhei uma constipação terrível.

ECOS DA SEMANA

NA IGREJA DE AMÓRA ANDARAM
A NÓRA 100 ALFAIATES PARA MA-
TAR UMA ARANHA HUMANA-LATROCINANTE



APÓS INFRUCTIFERAS
PESQUISAS O ENERGU-
MENO FOI ENCONTRA-
DO VIVO DENTRO
DUM CAIXÃO

GRANDES TRANSATLANTICES AEREAS
- A CAMINHO DE NEW-YORK VAI O CONDE ZEPPELIN

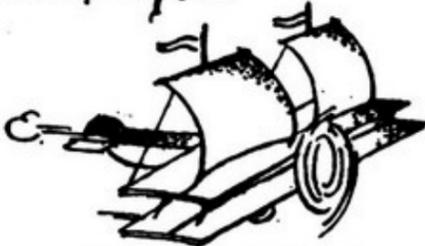


ALEMANHA E POR-
TUGAL, CAMINHAM NA
VANGUARDA DO PRO-
GRESSO AEREO - UM TEM O ZE PELIN
O OUTRO, O ZE POVINHO

CAZA DE PRODUCTOS ETÍLICOS
(ANTICO GARGAMALO)



A CAMINHO DA
SURA MOÇAMBIQUE



COM AS NOVAS VELAS ES
PERAMOS QUE PROS-
SIGAM, DEVENTO EM
PÓPA

PEREGRINAÇÕES



ENVIRTUDE DA GRANDE SAÍDA QUE AS VELAS TEM
TIDO EM FÁTIMA, ACABA-SE DE CONSTRUIR,
NESSA TERRA, UMA FABRICA QUE AS FOR-
NECE AUTOMATICAMENTE, JÁ ACESAS, AOS PE-
REGRINOS, SEM PERIGO ALGUM...

SAINDO DA ETILERNA (ANTI-
GAMENTE TAVERNA) VE-SE UM ETÍLICO
COMEÇOU NO PORTO A INSPECCAO AOS
ATLETAS
(APOIADOS)



SÓ SERÃO PROIBIDOS, DE JOGAR A BOLA,
OS INDIVÍDUOS QUE POSSUAM
ESQUELETO SEM OSSO

LICEU



OS LICEUS DERAM COM A TAMPA
AOS BURROS E CABULAS



AGORA, MAIS DO QUE NUNCA, SE JUSTI-
FICA A PRESENÇA DA ESTATUA ECUESTRE
DO POETA CHIADO.

- BOTELHO